
Nota:

Recorte do Jornal Folha de São Paulo

Matéria publicada na edição de 10 de Agosto de 1975

Fonte: Arquivo Pessoal de Geraldo Porto



Artes Visuais

Da tentativa de Campinas ao Salão do Nordeste

Já é lugar-comum a menção ao anacronismo dos salões, mas de fato eles continuam se organizando no mundo em nível nacional ou através de "bienais" em escala internacional. A única diferença, no que tange aos salões domésticos do Brasil — e aqui também ao nível da Bienal de São Paulo — é que eles se tornaram não mais uma forma de representar a produção de nossos melhores e mais vibrantes artistas, através de suas experimentações, mas se limitam em nossos dias a acolher artistas novos. Em suma, salão hoje é coisa para estrear.

Aracy Amaral integrante das comissões organizadoras dos Salões de Campinas e de Recife, falou, a respeito, a "Artes Visuais": "Quando se constitui a comissão para conceber este ano o Salão do Museu de Arte Contemporânea de Campinas, oferecendo essa entidade a maior abertura para inovações, foi nossa preocupação repensar uma manifestação que não fosse simplesmente aquela convencional constante de inscrições-seleção-premição. Digo nossa, porque Aline Figueiredo, de Mato Grosso, e Frederico Moraes, do Rio, também participam da Comissão. Além do mais, tivemos em mente, realizando-se esse salão no 2.º semestre, em plena vigência da Bienal, ser interessante uma iniciativa que também atraísse pelo diálogo ou debate que ela suscitara, paralelamente a uma Bienal acéfala culturalmente, e meio perdida como filosofia. E justamente por essas razões pareceu-nos importante um caráter didático com que seria positivo qualificar o Salão de Campinas, distante de quaisquer modismos."

"O Salão do Nordeste da Global, igualmente, embora preso por um regulamento tradicional, pelo próprio envio dos inscritos e, mais, através da provocação do local proposto para a exposição, fez com que seu júri desembocasse numa solução não-convencional, expondo tudo que se enviou. O objetivo é mostrar ao público que visitará a exposição "o outro lado" dos salões, antes do trabalho dos juristas, seletivo. Será portanto uma visão real — com todas as debilidades e insuficiências de nosso meio cultural — só se destacando do todo, através da montagem, alguns escolhidos para premiação — embora também nem todos os prêmios tenham sido dados, em decorrência, exatamente, dessa insuficiência qualitativa/criativa.

de uma Bienal de São Paulo, como vimos no ano passado. Ou melhor: assim como há 40 anos atrás todo adolescente escrevia seus poemas ou seus contos, hoje todo jovem faz seus desenhos, sua arte "conceitual", suas pinturas. E manda para salões, que são muitos. Apresentemos então o que se faz no Nordeste nesse campo. Qualitativamente não é muito diverso do que se faz no Sul do país. Haverá umas diferenças, como a constância de tema bíblico (o pecado e a punição), a figura humana, a inspiração arrevesada em mestres do passado e do presente internacional, e a diluição, sobretudo, dos artistas locais mais conhecidos. Curiosamente, como em toda a pintura pernambucana, o modelo para os mais eruditos, ainda é procedente da Europa, através de manuais de História da Arte, e a informação norte-americana inexistente, de forma geral."

E como se aterá esse Salão ao seu regulamento? Aracy acha que não há problemas. "Tudo o que se apresentou foi aceito e será exposto. Retrato de corpo inteiro. E a premiação? Esta, através da montagem, destacará os elementos que se assinalaram como melhores. Mas, como dissemos, o júri pode também, como o fez, deixar de premiar. O que não deixa de ser didático, orientador."

"Mas, de qualquer forma, prossegue Aracy, essas poucas mudanças assinalam que os salões, antecipando-se à Bienal, começam a se reexaminar tentando alterações. O que é saudável num período de revisão."

RELAÇÃO DE PREMIADOS NO II SALÃO DE ARTE GLOBAL DE PERNAMBUCO

- 1º Premio — Ida e volta a Paris mais ajuda de custo: Raul Córdula, Paraíba.
- 2º Premio — Ida e volta a Madrid, mais ajuda de custo: Linobaldo Reis, Pernambuco.
- 3º Premio — Ida e volta ao México, mais ajuda de custo: Paulo Cunha Barreto, Pernambuco.
- 4º Premio — Viagem ao Sul do País, mais ajuda de custo: Marcos Cordeiro, Pernambuco.
- 5º Premio — Viagem ao Norte do País, mais ajuda de custo: Alcides Santos, Pernambuco.

Premios Especiais: — Premio de Escultura — 4.000,00 — José Gomes Pereira.
— Premio de Gravura — 4.000,00 — Roberto Lucio
— Premio para Objeto — 4.000,00 — Paulo Bruscky
— Premio para Desenho — 4.000,00 — Claude Matriette

Observ.: o júri não concedeu os prêmios especiais de Pintura, Fotografia e Audio-visual.

Aquisições: Carlos Alberto Ferreira, Flavio Gadelha, Raimundo Barroso, Carlos Pragana, Griselda, José Roberto Assunção, Marcelo Bezerra da Silva, Lula Wanderlei, Ubirajara Monteiro, Silvio Hansen, Carlos Frederico.

Observ.: o júri deixou de conceder cerca da metade dos prêmios de aquisição.

Os trabalhos do júri realizaram-se em Recife nos dias 26, 27 e 28 de julho último e dele participaram: Roberto Pontual, Frederico Moraes e Roberto Marinho de Azevedo, do Rio, Aracy Amaral de São Paulo e Marcio Sampaio de Belo Horizonte.

A TENTATIVA DE CAMPINAS

Então, o que se resolveu em Campinas? Aracy Amaral explica: "Fugir ao esquema inscrições-seleção-premição. Utilizar a verba destinada aos prêmios para trazer de vários Estados do Brasil artistas atuantes para um debate com o público de Campinas, de São Paulo e do interior do Estado. E em primeiro lugar, que os artistas convidados, em número de doze, fossem artistas maduros, com uma obra em processo, com um trabalho, enfim, que represente uma infraestrutura sobre a qual se assentaria sua participação em três dias de debates na abertura do Salão. Cada artista, com subsídios do Museu de Campinas, seria representado por 40 "slides" mostrando o percurso de seu trabalho até o momento atual. Isto é: a exposição constará, em sua abertura, de doze projetores de "slides" veiculando simultaneamente 40 obras de cada artista. Já se cogitou, contudo, para o importante confronto com a obra, em sua fisicalidade, de um trabalho recente representando cada artista e cedido pelo mesmo para a ocasião. Um depoimento escrito (e gravado) de cada um dos artistas o representará em catálogo ilustrado sobre o evento."

"Como resultante, o departamento de documentação do MAC de Campinas terá este ano — já em obras sua nova sede — 600 diapositivos de artistas contemporâneos. O material enviado pelos artistas, individual ou coletivamente, constitui também, em potencial, exposições circulantes que poderão ser mostradas em outras entidades do país a qualquer momento, por solicitação."

SALÃO GLOBAL DO NORDESTE

"Nada menos de 1.500 obras foram submetidas na semana passada — fala Aracy Amaral — ao júri do Salão do Nordeste, com obras procedentes de vários Estados da região. Caso o júri agisse com o rigor imprescindível, apenas 3 ou 4% das obras submetidas seriam aceitas. Além do mais, considerou-se, esses 3% expostos não seriam um retrato fiel do fazer artístico mas espelharia em muito as preferências do júri, como sucede habitualmente. Como fazer, então, sem deixar de estimular a atividade artística — objetivo máximo dessa realização — para fornecer uma visão real do que se passa na região no fazer artesanal/artístico? (porque evidentemente, havia de tudo nos envios: de trabalhos manuais de agulha a realizações em isopor, passando por miniaturas, colagens, móveis, pintura, desenho, escultura, e mesmo comparando um artista conceitual). O local, a casa de Detenção do Recife, em fase final de restauro, grande edifício de meados do século passado destinado a ser de agora em diante a Casa da Cultura de Pernambuco, oferecia uma especialidade que se impunha aos olhos do júri: porque não expor, portanto, a totalidade dos inscritos, a fim de que leigos e artistas pudessem pela primeira vez ter uma idéia do ecletismo dos envios aos salões no Brasil? Digo, no Brasil, porque entre nós a auto-crítica é menor que em outros países, e qualquer estudante de primeiro ano de arte já se julga apto, na total despreocupação de nível profissional, a participar até